

# MEDICINA

Os medicos da ultima turma de Bello Horizonte ouviram do padre Alvaro Negromonte uma oração que a revista *A Ordem* acabou de publicar, e da qual vale a pena destacar este trecho:

“Já é por euphemismo que se pôde chamar de liberaes as profissões que só se exercem pelo interesse do lucro pecuniario. Como é impossivel o homem sustentar nas encostas dos depenhadeiros moraes, lá se vae descendo a nobre profissão da medicina. Concorrencia, reclamação, guerra mutua, commissões, são degrãos da lamentavel descida. O desejo de se pagarem o maior caro possivel e pelo maior numero de clientes fez que se cuidasse de cumprir bem o dever descesse á razão directa do ganho esperado. As coisas se foram de tal modo desprestigiando, que os clientes, outrora tão cheios de reconhecimento e gratidão, hoje se consideram remidos com a simples entrega do estipendio. Outrora, honrava-se ao medico; hoje, paga-se ao profissional.”

Ora graças a Deus que houve na nossa terra, um grupo de doutorandos bastante felizes para te na hora solenne da investidura medica, uma allocução dolorosa de verdades e profunda de philosophia! E' certo que o para nympho era um sacerdote... Mas nem por isso as verdades são menos duras e a philosophia menos certa.

Ha muitos annos, vivo empenhado numa grande campanha. No Rotary-Club, falando sobre a missão do medico na sociedade; na Academia de Medicina, discutindo as theses — honorarioes e segredo medico — e expondo outras como — a valorização do medico e as relações jurídicas do medico com o cliente e com a sociedade; e nestas primeira columna, em artigos sobre o mesmo assumpto, tenho procurado demonstrar que precisamos reagir contra esse conceito puramente commercial que os modernos querem dar ao exercicio da clinica. E não fiquei por ahí. O anno passado publiquei, todo inteiro, um livro — *Direito de matar e de curar* — com o fim de lembrar que a medicina foi creada para o beneficio do doente: secundar o grato de Le Gendre, na França, contra a mercantilização da profissão; e, finalmente, reagir, dentro do direito mais puro, contra a noção sovietica de que os doentes são coisas, cujos direitos orientam pela sua destinação economica.

Os grandes males da sociedade reclamam menos um tratamento do que uma prophylaxia e esta, no caso, ha de vir da Escola. Tudo o que o padre Negromonte reavivou naquellas palavras candentes, é uma das consequencias da falta de uma cadeira nas nossas Universidade onde se ensine um pouco de philosophia e historia da medicina como se ensinam a historia e a philosophia do direito nos cursos de sciencias jurídicas e sociais. Formam-se annualmente centenas de moços que nunca ouviram as noções fundamentaes que devem nortear o profissional nos duros embates da vida pratica. Dahl, os factos que se estão desenrolando actualmente no mundo medico, a que se referiu Le Gendre. E no nosso meio, falem

medico, a que se referiu Le Gen-  
dre. E no nosso meio, falem os  
tristes episodios do Syndicato Me-  
dico Brasileiro, onde se congregam,  
entretanto, as mais bellas  
formações espirituaes do nosso  
tempo.

Anteriormente honrava-se ao medi-

co; hoje paga-se ao profissio-  
nal". — Outra coisa não disse  
Bérard, no mensario francez *L'Es-  
prit Médical*, citado no meu livro:  
"Ha 25 annos, tínhamos uma  
mentalidade mais medica. De cer-  
to trabalhavamos para ganhar a  
nossa vida, mas os nossos mes-  
tres não nos falavam jámais da  
parte *ganho* da profissão. Igno-  
ravamos mesmo a tabela de seus  
honorarios. *Dichotomia* era coisa  
desconhecida. Sabiamos que te-  
riamos situações modestas, mas  
honrosas."

Queixam-se os collegas de que  
a clinica, *como está*, não dá para  
ninguem viver mais. E' exacto.  
Mas cumpre corrigir a expressão:  
a clinica, como os medicos mo-  
dernos a querem considerar, é  
que não dá. Pois se o cliente não  
respeita mais o medico! E não  
respeita porque a clinica se tor-  
nou um negocio. Ora, nas ques-  
tões de dinheiro, os interessados  
se defendem como feras, appli-  
cando todos os planos e parti-  
dos que se podem imaginar. Já  
houve quem definisse negocio —  
um jogo em que dois se contra-  
tam para vêr afinal qual é o que  
lucra com o prejuizo do outro...

O dinheiro anda curto. Mas o  
chefe de familia tem que fazer  
despesas, para poder viver com a  
sua gente. Na hora de pagar as  
contas, está claro que o dinheiro  
não chega para todos os credores.  
Naquelles bons tempos em que o  
medico era considerado uma crea-  
tura acima do nivel commum, é  
natural que o cliente puzesse a  
conta do medico como a primeira  
a ser paga: era o medico o cre-  
dor privilegiado. Uma vez, po-  
rém, que hoje os clinicos se syn-  
dicalizam, alijando a aureola do  
sacerdocio, a sua conta entra no  
rol das communs, sujeitas ao  
regimen fatal c. calote.

Dizem, então, os collegas mais  
praticos: o remedio está em não  
admittir os fiados. Sim, o recurso  
seria soberano, porque só o ne-  
gociante que vende a credito é  
que está sujeito a prejuizos. Mas,  
convenhamos, a solução resvala  
para aquella historia do guiso que  
os camondongos precisam amar-  
rar no pescoco do gato. Porque  
a natureza do serviço clinico já-  
mais justifica o pagamento adean-  
tado, a não ser no consultorio,  
em que é adquirido préviamente  
o cartão. Ora, a clinica de con-  
sultorio é sempre o remate, a  
cupula da clinica domiciliar.

A verdade, porém, está em que  
hoje em dia não ha classe de  
empregados, de trabalhadores ou  
de funcionarios publicos que não  
tenha os seus medicos *de par-  
tido*. Capitalistas e commerciantes  
abastados, socios de varias or-  
dens e associações, valem-se dos  
serviços medicos a que têm direi-  
to, por uma irrisoria quantia  
mensal que dispendem. E a culpa  
de quem é? Evidentemente dos

cupula da clinica domiciliar.

A verdade, porém, está em que hoje em dia não ha classe de empregados, de trabalhadores ou de funcionarios publicos que não tenha os seus medicos *de partido*. Capitalistas e commerciantes abastados, socios de varias ordens e associações, valem-se dos serviços medicos a que têm direito, por uma irrisoria quantia mensal que dispendem. E a culpa de quem é? Evidentemente dos proprios facultativos, alguns de justo renome, quer na clinica medica, quer na alta cirurgia, que se prestam a concorrer, mediante salarios pequenos, para a fabulosa riqueza dessas ordens, emquanto a classe medica em geral, a mourejar em todos os bairros da cidade, dando o seu tempo á pobreza, não pôde sonhar com os chamados daquelles que podiam bem recompensar os seus serviços profissionaes.

Assim, não foi a noção do sacerdocio que deu á medicina a situação penosa em que se encontram os seus profissionaes. Foi o mercantilismo, em todos os seus aspectos. Mas, se a medicina-sacerdocio está mesmo em agonia, decretada a sua morte pela poderosa corrente do materialismo vencedor, reconheçamos ao menos que ella foi a veneranda mãe dos nossos maiores irmãos medicos, aquelles que fizeram o nosso annel de esmeralda tornar-se o symbolo da mais alta admiração universal que já cercou uma profissão humana. E em nome desse prestigio, accumulado durante seculos, esperemos, como bons descendentes da familia gloriosa, que a doente morra primeiro, para depois nos engalfinharmos nas lutas da successão...

Porque nós, os medicos tradicionalistas, ainda temos esperanças de que o obito não se dê...

**Floriano de Lemos**

# Mulher - enfermeira

2015 —

Em São Paulo se cogita, há muito, de formar Bandeirantes da Saúde.

São moças que, preparadas convenientemente, vão dar ás jovens mães e ás futuras mães a divina lição da saúde, ensinando-lhes a maneira salutar de conduzir o filhinho, a dietetica elementar e os tantos cuidados necessários para quem, neste mundo, tem a felicidade de ser mãe.

Vestidas de branco, preparadas, depois de um curso de dois ou três anos de estudo, eis que as Bandeirantes de Saúde recebem o seu diploma e no juramento que fazem, há todo um poema de devotamento e religião, para não dizermos de sabedoria e civismo.

Eis a promessa que fazem:

“Prometemos, sob nossa palavra Je honra, perante Deus e nossa Pátria:

Em todos os lares em que penetrarmos, como mensageiras que somos da Saúde: 1

Vigiar a criança — para que a ela “sejam dados todos os meios necessários ao seu completo desenvolvimento tanto fisico como intelectual;

a) dispensando-lhes cuidados e carinhos que a sua idade, condição e estado de saúde requererem;

b) encaminhando-as á matricula e controlando-lhes a frequência no Dispensário de Puericultura, ou, quando doentes, á assistência médica ou hospitalar;

c) defendendo-as, pela ação educativa, das agressões e moléstias contagiosas ou do foco familiar contaminado;

Mas principalmente:

d) educando-lhes as mães, ou as futuras mães, pela difusão, no meio em que vivem, dos principios que fazem florescer criaturinhas sadias e robustas, orgulho de uma raça, garantia máxima da grandeza futura de nossa Pátria.”

Como seria grande São Paulo se as Bandeirantes da Saúde, por ai vissem visitando os lares menos protegidos, penetrando nos cortiços e dando a cada mãe, dessas muitas fracassadas que por ai vivem a lição da saúde.

Quando a mulher paulista que é vigorosa, inteligente e sadia, souber tudo que se espera dela, quando a mulher daqui sentir bem o mundo imenso de lacunas que vem acompanhando uma parte de nosso enfraquecimento, quando preparada, ela estiver para a vida integral de mulher que ela é, São Paulo vencerá completamente.

A mulher paulista precisa saber perfeitamente não apenas os detalhes que dizem respeito á educação e á higiene mas precisa ter em mente os dez mandamentos que os “Primeiros socorros” prescrevem, que são estes:

## Primeiros socorros

1.º — Modo de fazer e de aplicar várias ataduras.

2.º — Tratamento de machucaduras, nas quais a pele não é ferida, como: luxações e fraturas;

3.º — Machucaduras nas quais a pele é esfolada ou cortada.

4.º — Hemorragias.

5.º — Acidentes causados pelo frio e calor; queimaduras, escalduras, insoção, etc.

6.º — Primeiros socorros em caso de asfixia por submersão; métodos de produzir a respiração artificial — choque elétrico, envenenamento pelo gás, etc.

7.º — Tratamento de vertigens.

8.º — Remédios de emergência, tais como: soluço, plantas venenosas, picadas de insetos — Envenenamentos — Intoxicações.

9.º — Picada de cobra.

10.º — Mordedura de cães raivosos.

E, assim, mãe e esposa, ela será na vida, como deve ser a mão que acaricia, o lábio que beija e o cérebro que, raciocinando, age com acerto.